

CONFIGURAÇÃO DO LUGAR DE HOMEM NA FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA

CONFIGURATION OF A MAN'S PLACE IN THE CONTEMPORARY FAMILY

Fernando Rômulo Dias Costa¹ | Teresa Gláucia Gurgel Gabriele Costa²

¹ Graduando do curso de Psicologia - Centro Universitário Fаметro (Unifametro).

² Psicóloga. Mestre em Psicologia. Docente do curso de Psicologia - Centro Universitário Fаметro (Unifametro).

RESUMO

Historicamente as famílias brasileiras correspondiam ao modelo patriarcal, no qual o homem é considerado o centro controlador das decisões, das normas familiares e responsável pelo lugar de provedor e não responsável pelas atividades domésticas e parentais. Contemporaneamente, constatam-se novas configurações familiares em que esse lugar vem se transformando, até mesmo de modo circunstancial devido à crise econômica e ao desemprego, levando este homem a assumir tarefas domésticas e se tornar dependente financeiro de sua esposa (cônjuge). Busca-se investigar como esses homens atribuem significados a si diante da transformação desse papel e do modelo de masculinidade no contexto familiar. Realizou-se uma pesquisa qualitativa, de abordagem fenomenológica, por meio de entrevista semi-dirigida com três participantes, homens, heterossexuais, cis gênero, adultos, casados, com filhos e que passaram pelo processo de deslocamento do lugar de provedor. Os resultados apontam que, os significados atribuídos pelos participantes desse estudo estão interrelacionados com a rede de apoio familiar (nuclear e extensa), destacando-se que a qualidade da comunicação intrafamiliar é um aspecto importante, pois pode tanto contribuir como dificultar a ressignificação do vivido. A necessidade do prover, mesmo de forma distintas, identificou-se que se fez presente na fala dos participantes. Verificou-se que em relação à autoimagem dos participantes ao mesmo tempo que se deformou, também se transformou, variou entre uma desvalorização de si, desconforto, causando sofrimento psíquico e até uma possibilidade de reconfiguração de si e do seu posicionamento diante da família.

Palavras-chave: Masculinidade. Família. Pesquisa fenomenológica.

ABSTRACT

Historically, Brazilian families corresponded to the patriarchal model, in which the man is considered the center controlling decisions, family norms and responsible for the role of provider and not responsible for domestic and parental activities. At the same time, there are new family configurations in which this place has been transformed, even circumstantially due to the economic crisis and unemployment, leading this man to take on domestic tasks and become financially dependent on his wife (spouse). The aim is to investigate how these men attribute meanings to themselves in the face of the transformation of this role and the model of masculinity in the family context. Qualitative research was carried out, with a phenomenological approach, through semi-directed interviews with three participants, men, heterosexual, cis gender, adults, married, with children and who went through the process of moving from the role of provider. The results indicate that the meanings attributed by the participants in this study are interrelated with the family support network (nuclear and extensive), highlighting that the quality of intra-family communication is an important aspect, as it can both contribute to and hinder the redefinition of what is experienced. The need to provide, even in different ways, was identified and was present in the participants' speech. It was found that in relation to the participants' self-image, at the same time as it was deformed, it was also transformed, ranging from a devaluation of self, discomfort, causing psychological suffering and even a possibility of reconfiguring oneself and one's positioning in relation to the family.

Keywords: Masculinity. Family. Phenomenological research.

1 INTRODUÇÃO

Desde sempre se tentou explicar o homem e a mulher a partir de suas características biológicas. Atualmente, com o avanço das tecnologias e dos estudos relacionados ao desenvolvimento humano, sabemos que os seres humanos são seres biopsicossociais, o que significa que existem influências biológicas, psicológicas e sociais para a formação do indivíduo e isso ocorre desde seu primeiro contato com o mundo externo.

Como citar este artigo

COSTA, F. R. D.; COSTA, T. G. G. G. Configuração do lugar de homem na família contemporânea. *Revista Diálogos Acadêmicos*. Fortaleza, v. 11, n. 01, p. 117-132, jan./jun. 2022.

Durante muito tempo acreditou-se na soberania do homem em relação à mulher, algo que contribuiu com a construção da estrutura de família patriarcal que perdura até os dias atuais. Essa estrutura é influenciada por ideias machistas, que por sua vez idealizam sujeitos severos, abusivos, negligentes, onde o homem é visto como uma figura de referência ausente e rígida, que deve ter controle sobre o microsistema familiar.

Esses modelos podem revelar a construção de uma estrutura no qual o homem passa a acreditar que seu papel deva ser desempenhado por controle e domínio, nem que para isso seja necessário o uso da violência (Brasco; Antoni, 2020). Além desses modelos que são impostos aos indivíduos que desejam ser reconhecidos como homens em sociedades patriarcais, na grande maioria das vezes, desde muito cedo, a educação dos meninos, seja no núcleo familiar ou nos convívios sociais, pátios de colégios, clubes esportivos, ou lugares nos quais os homens são frequentadores exclusivos, o masculino é estruturado de maneira paradoxal, onde é passado para os meninos a ideia de que, para ser um (verdadeiro) homem, eles devam combater os aspectos que poderiam fazê-los serem associados às mulheres (Faro, 2013). Aprender a jogar hockey, futebol ou baseball é inicialmente uma maneira de dizer: eu quero ser como os outros rapazes. Eu quero ser um homem e portanto eu quero me distinguir do oposto (ser uma mulher) (Lang, 2001).

Também é transmitida a ideia de que a força masculina consiste em sua disposição sexual evidenciando que se o homem quer ser homem, deve assumir e executar determinada performance sexual.

No Brasil, e em muitas sociedades latino-americanas, a construção da identidade masculina evidencia as questões que se relacionam com a sexualidade, distorcendo o significado de o que é ser homem, pois a ideia de ser homem é acomodada no psicológico do homem no momento da iniciação sexual, por conta de que, para a sociedade machista, esse é o momento em que o menino se torna homem, aprende sobre a técnica do sexo, sobre como se relacionar e sobre como lidar com mulheres (Leal; Knauth, 2006).

Desse modo, o Patriarcado é uma categoria que ultrapassa a dimensão financeira, pois também envolve poder, sexualidade, normatividade etc., e assim estruturou uma imagem para o homem que lhe atribuiu alguns papéis a serem assumidos: o abusivo; o negligente; o ausente; o rígido; o controlador, o protetor e o provedor do microsistema familiar etc. É importante ressaltar que mesmo de forma indireta, essa estrutura vem sendo desconstruída a partir de movimentos como o feminismo, que foi influenciado inicialmente pelas mulheres e depois por alguns homens (Lang, 2001).

Em relação à estrutura familiar, não existe uma única configuração de sistema familiar. Por conta de a família ser um sistema aberto, podemos observar que ela se encontra em constante transformação. Temos escutado na atualidade um discurso de crise da família e do casamento, mas quando observamos mais detalhadamente, notamos que isso que é considerado crise na verdade faz parte dessas transformações as quais os sistemas familiares estão constantemente submetidos.

A participação da mulher no mercado de trabalho de forma mais ativa é vista por muitos conservadores como um dos fatores que podem contribuir para deterioração da família tradicional patriarcal. Porém, para quem acredita que

a família é um sistema aberto que se encontra em constante transformação, o que observamos é, simplesmente, um processo de transição, onde já se percebe uma relativa divisão de tarefas, na qual pais e mães compartilham as tarefas educativas e de organização do dia a dia da família.

Embora ainda se tenham muitos aspectos que por falta de conhecimento ainda geram conflitos dentro dos sistemas familiares, como por exemplo questões inerentes à parentalidade que são confundidas e afetadas por questões da conjugalidade, cada vez mais podemos observar em nossa sociedade movimentos relacionados com a mudança da estrutura patriarcal, o comportamento do homem e a ressignificação da masculinidade. (Penteado; Gatti, 2014).

Tem-se conhecimento de que já estão acontecendo diversos movimentos em direção à subversão dessa estrutura, como o feminismo, já mencionado anteriormente, pois cada vez mais é possível observar as mulheres conquistando espaços antes vistos como exclusivos dos homens. É possível observar uma mudança no comportamento de algumas famílias, onde pais e mães compartilham as tarefas educativas e as organizações domiciliares, embora isso ainda não signifique que sejam divididas de forma igualitária, pois normalmente as mães tendem a se responsabilizar mais do que os pais quanto às questões educacionais dos filhos, mas já é possível identificar uma lenta e progressiva transformação nas divisões das tarefas familiares. Um dos papéis antes assumidos majoritariamente por homens em nossa sociedade, que cada vez mais vemos mulheres assumindo, é o lugar de provedor financeiro da família.

Diante disso é relevante compreender: quais os significados dados pelos homens em relação ao deslocamento do lugar de provedor da família? Portanto, foi essa a questão que orientou nosso olhar investigativo. Saber como os envolvidos nesse movimento estão se relacionando com essas mudanças se mostra uma questão pertinente que pode trazer contribuições importantes para a evolução das mudanças sociais, possibilitando um lugar de escuta desses sujeitos homens em suas experiências de transformação nas relações familiares.

2 O LUGAR DE PROVIDOR(A) E AS POSSIBILIDADES DE CONFIGURAÇÃO DO PATRIARCADO

Em um estudo realizado por Fleck; Wagner (2003), com o objetivo de estudar a estrutura de famílias onde a mulher é a principal provedora, verificou-se como a estrutura patriarcal ainda tem grande influência sobre seus membros. Em uma das atividades propostas nesse estudo, realizado com três famílias que tinham a mulher/esposa/mãe como a provedora principal da renda familiar, foi solicitado que cada membro da família fizesse individualmente um desenho que representasse sua família. Quando foram analisar os dados obtidos a partir dos desenhos, foi observado que os três homens/pais/maridos se desenharam em primeiro lugar, provavelmente, como uma tentativa de manter a posição hierárquica e de autoridade, deixando claro em seus desenhos o lugar onde desejariam estar na família, ou seja, a representação clássica da família patriarcal, onde o homem está sempre à frente indicando o caminho certo e passando os co-

mandos para os outros membros. O mais intrigante, foi quando analisaram os desenhos das três mulheres/mães/esposas e dos filhos, pois em todos os desenhos os homens/pais/maridos também apareceram em primeiro lugar.

Nesse mesmo estudo foi observado que os pais/maridos, auxiliavam nas tarefas relacionadas ao lar, mas com uma carga de atribuições menor que a feminina. A mulher ainda se sentia responsável por esses cuidados, necessitando conciliar, constantemente, as demandas das esferas pública e privada (Fleck; Wagner, 2003). Mesmo o homem não tendo mais o encargo de assumir a maior responsabilidade financeira da família conforme esperado em uma estrutura patriarcal tradicional, ele ainda se sente no direito de manter seus momentos de lazer nem que para isso tenha que negligenciar as atividades domésticas. Já a mulher, mesmo assumindo esse lugar de principal provedora, ainda se sente culpada e não se permite momentos de lazer, pois seu lugar principal é ser cuidadora.

Esse estudo mostra o quanto ainda estamos distantes de uma configuração familiar mais livre, onde os papéis de cada membro possam fluir sem estar atrelado às configurações tradicionais que pré-determinam os papéis de seus membros. Em boa parte, a mudança dessa configuração vem sendo tensionada pelo comportamento de muitas mulheres que não querem mais ficar no lugar de submissão e dependência do homem/marido e estão lutando por seu espaço no mercado de trabalho, o que lhes permite uma maior autonomia e participação no sistema financeiro familiar.

Em contraponto à estrutura familiar tradicional de nível socioeconômico médio, onde o homem/marido é o único provedor e a mulher/esposa a única responsável pelas tarefas domésticas e cuidado dos filhos, essa estrutura familiar está passando por um processo de transição. Mesmo nas casas onde as mulheres têm um ganho financeiro maior do que os maridos, ou mesmo naquelas onde os maridos estão desempregados, elas realizam uma quantidade muito maior de atividades no trabalho doméstico que eles (Wagner *et al*, 2005).

Mas também é possível observar uma maior participação dos pais em compartilhar as atividades que se relacionam com as questões domésticas e educação dos filhos, com o intuito de adequação às mudanças que estão acontecendo nas estruturas familiares.

É importante ressaltar que essas mudanças não acontecem em todas as famílias, inclusive pode-se observar movimentos que são contrários a essas mudanças. Existem famílias que mesmo experienciando uma estrutura não patriarcal, como as famílias que aparecem no estudo de Fleck; Wagner (2003), ainda se mantêm funcionando em uma configuração patriarcal clássica. Muitas vezes quando o homem assume uma postura de executar atividades domésticas e contribuir com a manutenção da organização domiciliar, ele é reconhecido socialmente como um ótimo marido, pois ajuda nas tarefas domésticas mesmo que, em teoria, suas responsabilidades sejam outras. Já a mulher, mesmo conseguindo atingir um ganho financeiro superior ao do homem, é muitas vezes desvalorizada, pois esse ganho a mais é colocado em uma categoria de complemento orçamentário.

Segundo Gomes e Resende (2004), há bem pouco tempo atrás o homem encontrava dificuldade de dialogar e expor seus pensamentos e sentimentos no âmbito familiar, pois acreditava que o silêncio e ou o segredo lhe manteria seguro e esse isolamento era ainda maior quando se dirigia aos filhos. Essa forma de agir estava

estruturada pelas crenças da visão patriarcal de ser, onde o homem é levado a acreditar ser superior à mulher e às crianças e que não pode demonstrar fragilidade.

Nesse presente estudo, busca-se identificar como o homem contemporâneo está se relacionando com essas mudanças na estrutura patriarcal, na qual ele pode ser compelido à resignificar o seu lugar no âmbito familiar. Conhecer como tem sido a adaptação e aceitação desse novo lugar que o homem está tendo a oportunidade e/ou a necessidade de vivenciar, pois muitas vezes esse lugar de não mais provedor e até dependente, surge de forma abrupta, sem ser uma opção e sim uma imposição provocada por condições socioeconômicas. Lembrando que, para acontecer essa adaptação é necessário que o homem reconheça, e/ou conheça, quais valores e crenças estruturam sua forma de agir e pensar.

É importante que ele consiga enxergar essas mudanças estruturais, não como uma destruição, mas sim, como uma reconfiguração que pode promover benefícios para todo seu sistema familiar. Não é possível descrever uma estrutura ideal, única, igualitária e equilibrada, mas podemos buscar conhecer as configurações e as crenças que sustentam determinada estrutura familiar e assim contribuir para que os acordos existentes em cada modelo específico e singular de família, calhem de forma mais fluida e equilibrada.

Portanto, parte-se do pressuposto de que os significados atribuídos a si, por homens que eram provedores de suas famílias e não são mais, evidencia-se como um tema relevante à construção de sua identidade, bem como o posicionar-se no contexto familiar e reconfigurar os papéis e a dinâmica familiar, passando por situações de sofrimento como preconceito social.

Nesse sentido, o presente estudo analisou os significados atribuídos a si mesmos, por homens heterossexuais, cis gênero, casados ou em união estável e que sejam pais/padrastos, a partir da mudança do lugar de principal provedor familiar para o lugar de dependente financeiro de seu cônjuge. Discutindo também os significados de qual é o lugar do masculino para os homens na família contemporânea.

3 METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se por ser uma pesquisa qualitativa, de abordagem fenomenológica, realizada com três participantes, utilizando-se da entrevista semiestruturada como instrumento de coleta de dados, sendo estes analisados pelo método fenomenológico.

Segundo Silva (2010), a abordagem de natureza qualitativa surgiu da inquietação de cientistas que queriam alcançar a compreensão do homem como um sujeito social e contextualizado numa sociedade com história, valores, significados e intenções que constroem a subjetividade dos atos humanos.

Realizou-se um estudo de campo, em busca de obtenção de informações, a fim de identificar os significados dados pelos homens a partir do seu deslocamento do lugar de provedor. Para isso, a abordagem qualitativa foi a mais indicada, pois busca as informações como atribuições de significados e interpretação de fenômenos, diretamente no ambiente natural.

Segundo Silva (2010), nas pesquisas de psicologia, a entrevista semiestruturada é muito utilizada porque permite a explicação de comportamentos, sentimentos e processos mentais relatados ao pesquisador, o que torna o seu objeto de estudo dinâmico e contextualizado. Os dados foram coletados a partir de entrevista semiestruturada, que se procedeu a partir da leitura de um texto com função de tema gerador, aplicada diretamente com indivíduos que tenham passado pelo processo citado anteriormente. Após a leitura desse breve texto, o participante da pesquisa iniciou a sua fala e o restante do processo aconteceu de forma mais espontânea, se aproximando de uma conversa informal, mas com objetivos de pesquisa específicos, proporcionando maior liberdade no decorrer da entrevista, indo além de perguntas já estruturadas, ao final da entrevista foi solicitado ao participante que falasse cinco frases ou palavras que representassem seu processo.

Por tratar-se de pesquisa qualitativa, fenomenológica, optou-se por uma amostra reduzida para fins de uma análise mais profunda. Desse modo, a amostra foi constituída por três participantes, com o perfil assim delimitados pelos critérios de inclusão da amostra: homens, heterossexuais, cis gênero, adultos com o seu domicílio situado na cidade de Fortaleza, casados, com filhos e que passaram pelo processo de perda do lugar de provedor. O contato com os possíveis participantes da pesquisa foi realizado por *WhatsApp*, mediante indicação de conhecidos e familiares, a partir do critério de inclusão estabelecido nesta pesquisa. Seis sujeitos foram indicados e convidados, desses, apenas três foram receptivos à proposta da investigação e tornaram-se participantes da pesquisa.

As entrevistas foram realizadas em novembro de 2021, de forma presencial e individualmente, em uma sala de escritório cedida ao pesquisador, gravadas com consentimento prévio dos participantes, após a assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE, buscando uma fidedignidade em relação ao que foi conversado, sempre buscando garantir o sigilo de todo o processo. As entrevistas tiveram, em média, a duração de 50 minutos, os áudios gravados foram transcritos e tratados de acordo com as recomendações do comitê de ética. Por conta do distanciamento social recomendado pelas autoridades sanitárias devido a pandemia de Covid-19, a aplicação seguiu protocolos de biossegurança como uso de máscara e distanciamento de 1,5m. Os preceitos éticos da pesquisa realizada com seres humanos foram atendidos, conforme aprovação do comitê de ética, sob o CAAE: 51901421.4.0000.5618.

Os dados foram analisados por meio do método fenomenológico conforme modelo de Amadeo Giorgi (1985), apresentado por Castro (2009). O referido método configura-se como uma análise qualitativa comparativa com base em categorias de análise estabelecidas a posteriori, a partir da identificação das unidades de sentido, desse modo o método consta de cinco etapas, a saber: 1) suspensão fenomenológica; 2) contato com o campo; 3) leitura flutuante síntese; 4) descrição fenomenológica; 5) identificação das categorias temáticas (unidades de sentido) e síntese significativa (Castro, 2009). Essas etapas possibilitaram uma construção de significados da vivência dos participantes em unidades de sentido, de modo a identificar os sentidos comuns, verificar suas interdependências e organizá-los conforme uma única descrição expressa em termos psicológicos, denominado como produto da redução fenomenológica. Esses elementos co-

muns e transversais a todos os sujeitos pesquisados convergem para a estrutura geral (a essência) do fenômeno estudado. (Giorgi; Sousa, 2010).

Assume-se, finalmente, um posicionamento teórico, que traz à tona tudo o que foi suspenso fenomenologicamente, para formular, em seguida, categorias temáticas à vivência estudada. Esta fase evidencia a intencionalidade da consciência do pesquisador sobre o fenômeno pesquisado. No caso, as categorias temáticas identificadas foram: necessidade de prover; autoimagem; rede de apoio. Neste ponto, elabora-se uma intelecção condizente à área de conhecimento da pesquisa, para fundamentar o que foi observado em relação à vivência estudada e comunicá-la à comunidade científica.

Branco (2014) aponta que: Em suma, o método fenomenológico empírico (MFE) de Giorgi (1997; 2008) considera qualquer fenômeno como algo passível de ser investigado, desde que tornado presente na vivência do sujeito de pesquisa e comunicado ao pesquisador. (p. 7) Essa vivência sustenta e expressa indícios de realidade sobre um determinado mundo social, possível de ser compartilhado e compreendido. Isso acontece pela elucidação das unidades de significação (US) e essências que manifestam como ocorrem as vivências de um determinado fenômeno (por exemplo, gravidez na adolescência, envelhecimento ou homofobia).

4 ANÁLISE DE DADOS

Para se proceder a análise dos dados, inicialmente a gravação de cada entrevista foi escutada por 3 vezes: na primeira uma escuta e transcrição livre, sem direcionamentos; na segunda, algumas anotações e grifos foram feitos a partir do que se evidenciava na fala do participante, quer em termos de conteúdo, repetições, tom de voz, respiração, pausas ou emoções manifestadas; na terceira, procedeu-se a transcrição. A partir da entrevista transcrita, grifadas e com as categorias de análises definidas, procedeu-se a leitura e escuta por 2 vezes.

4.1 Caracterização dos participantes entrevistados

Os participantes da pesquisa foram identificados como Participante 1, 2, 3, para garantir o sigilo e o anonimato deles.

- **Participante 1:** 45 anos, casado há 19 anos, mora atualmente com a esposa, uma filha, um filho, uma sobrinha, a sogra e a avó da sua esposa. Era chefe de equipe em uma multinacional em Fortaleza e recebeu uma proposta para ganhar o dobro em uma outra cidade, assim resolveu levar toda sua família, mas ao chegar lá, houve diversos percalços e findou em não assumir o emprego. Atualmente trabalha como auxiliar administrativo de sua esposa em uma loja de cosméticos e conta com a sua sogra para a subsistência de sua família.
- **Participante 2:** 56 anos, casado há 15 anos, mora atualmente com a esposa, um filho e uma filha. Já foi professor, palestrante, líder de equipes,

empresário, assessor de ONGs. Em uma das ONGs em que trabalhou, chegou a ser chefe de sua atual esposa, algo que aconteceu antes de namorarem. Atualmente está desempregado, assumiu a maior parte dos afazeres domésticos e dos cuidados com os filhos. Contribui com a elaboração e execução de algumas atividades do trabalho de sua esposa.

- **Participante 3:** 41 anos, casado há 18 anos, mora atualmente com a esposa, um filho e uma filha. Já foi gerente de uma empresa de confecção, empresário, líder de equipes. Atualmente está trabalhando e divide os custos de manutenção da casa com sua esposa, mas passou por um período em que a sua esposa foi a única provedora financeira da casa.

4.2 Categorias temáticas

4.2.1 Necessidade de prover

A necessidade de prover foi algo que apareceu na fala de todos os participantes da pesquisa, o que encontra respaldo da fundamentação teórica, pois é uma das atividades referidas que era exigida e reconhecida como exclusiva do homem, onde acreditava-se que bastava o homem garantir o sustento financeiro da casa para que ele fosse reconhecido como “O provedor da família” (Fleck; Wagner, 2003).

Essa visão equivocada de que o homem deva ser o único provedor e de o que é prover, vem sendo desconstruída a partir de movimentos como o feminismo e a conscientização de que não existe uma única forma de prover, pois prover é abastecer-se do que for necessário, sendo assim, o prover pode surgir de formas variadas.

Foi possível observar esse desejo de prover em diversos momentos durante as entrevistas, em uma das falas do Participante 1 quando ele diz:

Porque assim, eu acho que o grande lance mesmo não é a quantidade física de esforço físico que você entrega, certo? É a quantidade de tempo que você entrega, isso é uma coisa mais preciosa que tem, sabe?

Nesse momento ele estava se referindo à sua relação com a esposa e filhos, assim, fica evidente sua vontade de entregar algo, como se fosse possível entregar um pedaço de tempo para alguém. Em outro momento ele diz:

[...] por exemplo se ela ganha muito dinheiro e eu satisfação ela com sexo gostoso, a troca fechou, sabe? Eu não preciso ganhar dinheiro, mas eu entrego um sexo gostoso, no dia que eu parar de entregar um sexo gostoso, quebrou!

Mais uma vez ele refere a vontade de prover algo e acresce uma penalidade, pois ele finaliza dizendo que, no dia que não entregar, quebrou!

O desejo de prover do Participante 2, embora apareça com mais sutileza durante toda a entrevista, se tornou mais evidente em alguns fragmentos de sua fala após essa pergunta: “Você falou anteriormente que foi chefe de sua esposa e que agora está como dependente financeiro dela, como você se vê diante de todo esse processo?”

[...] e para poder fazer essa coisa, como é que chama? Do desenvolvimento intelectual, né? Não deixar morrer o desenvolvimento intelectual. [...] continuar nessa relação não abrindo mão do desenvolvimento intelectual, entendeu? [...] existe um tesão um no outro pela capacidade intelectual. [...] também pelo respeito intelectual que um tinha e tem pelo outro, entendeu? [...] ela, ela talvez, ela sinta mais medo dessa perda do tesão intelectual do que eu, né? Talvez, eu não sei, assim, pelo menos eu acho que ela tem mais medo do que eu.

Foi possível observar em seu tom de voz e em sua fala uma certa tensão e nesse último trecho, ele ainda tenta passar a responsabilidade do seu desejo de prover, para a esposa, mas quando ele duvida e diz pelo menos é o que eu acho, isso só faz reforçar seu desejo de prover o desejo de sua esposa.

Já na fala de Participante 3, o prover, é financeiro mesmo e fica bem evidente no momento de sua fala quando ele refere:

Mas assim em relação a, a não ajudar aí me incomoda, não ajudar de alguma maneira financeiramente me incomoda muito, [...] Mas me incomodava mais porque eu não conseguia dar nada para eles! (eles são os filhos) Se eles pedissem alguma coisa para mim, eu não tinha como dar diretamente! Eu tinha que depender da minha esposa para ela dar, ou qualquer coisa assim! [...] eu não tive essa dependência da minha mãe com quinze anos! Então eu com trinta e poucos quase quarenta ter essa dependência era complicado, entendeu? Isso que me incomodava.

Ressalta-se que, dos três sujeitos entrevistados, o Participante 3 foi o único que já retornou ao mercado de trabalho formal.

4.2.2 Autoimagem

A autoimagem é a parte descritiva do conhecimento que o indivíduo tem de si próprio, que interfere diretamente na sua autoestima, pois se trata de uma avaliação subjetiva intrinsecamente positiva ou negativa em algum grau (Mendes *et al*, 2012, p. 06). Tentar entender, ou descobrir, como os homens estão se vendo a partir desse processo de perda e ou deslocamento do lugar de provedor, é fundamental em nossa pesquisa. Quando foi solicitado aos participantes que falassem cinco palavras ou frases, que vinham em sua cabeça quando pensavam no processo que viveram ou estão vivendo, a referência à autoimagem ficou muito evidente.

Em determinado momento da entrevista, foi perguntado ao Participante 1: Como você se enxerga nesse lugar de dependente financeiro da sua sogra e auxiliar administrativo de sua esposa, na empresa dela? Um recorte de sua resposta foi:

Estou tentando montar a palavra ou as palavras dessa imagem, eu me sinto como uma peça participante, imagino assim, que minha sogra e minha esposa todas são peças, um participe, certo? Que está entregando o que pode entregar, que por acaso é menos do que o que os outros estão entregando, (...). E aí eu sou uma peça participante do núcleo familiar que neste momento está provendo menos.

Deixando uma pista importante, que revela a sua vontade de entregar mais e quando observado em seu tom de voz ao final dessa fala, onde ele diminuiu o volume e o ritmo, aparentando assim, se sentir menor e menos capaz. Quando solicitado para falar as cinco palavras/frases, rapidamente disse:

Atenção, Amor, Empatia, Responsabilidade, e após um breve silêncio disse: e a outra palavrinha é um misto de tranquilidade e esperança, #vaidarcerto

Assim, nos dando mais uma pista da importância de algo que iremos falar mais adiante, que é o apoio familiar, como também a importância da autoconfiança que contribui para manutenção da responsabilidade, tranquilidade e esperança.

Na entrevista com o Participante 2, foi possível observar em vários momentos de sua fala, mistos de angústia, incertezas e medo como o que foi expresso nesse recorte de sua fala:

[...] E você ter aberto mão de uma estratégia sua de, né de, desenvolvimento pessoal e tal, [...]. É no campo pessoal que você se joga pra, se sentir fragilizado, se amanhã a gente enjoar um do outro, o que fazer? Mas, nesse momento que você, como é que chama? É, você questiona, né? Essa coisa do para sempre? Ai você dar aquele baque assim, não é fácil assim!

Depois, quando solicitado as cinco palavras/frases, foi possível observar uma clareza de seu processo, pois disse:

Mudança. Reflexão. Constante. Prazer por tudo que construiu. Se entregar a uma parceria, estar mais dentro dessa [...]. Como eu era antes muito mais como é que chama? Desapegado, como é que chama? Eu não dava valor às relações, na verdade eu era muito carne pele, carne pele, namorava apaixonado e tal e terminava os, as minhas relações com muita facilidade, e no final eu acho assim, o que vem de vez em quando é essa coisa de, da, de uma certa insegurança, incerteza/insegurança, a gente não pode deixar de ter não, não é uma coisa que a gente tem certeza o tempo todo, sabe? É isso!

Demonstrando que embora tenha medo do que está vivenciando, também tem consciência que é um processo que faz parte da vida e que não abalou tanto sua autoimagem, autoestima e nem sua autoconfiança.

Na fala do Participante 3 foi possível observar uma inabilidade adaptativa ao seu processo, conforme sua fala a seguir:

Aí foi complicado, porque isso me incomodava eu não conseguir ajudar, então foi muito difícil, (breve silêncio) no começo nem tanto, mas do meio para o fim, foi complicado, muito complicado.

Nesse momento ele está referindo-se a um período de um ano, em que esteve separado de sua esposa no decorrer do processo de deslocamento do lugar de provedor e continua:

Não me incomodava as pessoas sabendo que eu não estava trabalhando, me incomodava eles saberem que eu estava dependendo da minha esposa, isso me incomodava, isso me incomodava!

Quando solicitadas as cinco palavras/frases, não tardou em dizer:

Vergonha da situação. Eu me sentia pequeno! Como é que eu faço pra falar uma palavra que represente eu me sentia pequeno? Não é uma palavra, são quase duas, eu me sentia pequeno! Perdido. Desalento, tinha um desalento assim. Encurralado.

.Após falar suas palavras/frases, foi feita uma pergunta que ele não tardou em responder: Você se sente culpado pelo que aconteceu?

Sim! Eu acho que sim! Escolhas erradas eu acho, mas eu não ajudar de maneira nenhuma aí é um problema grande, muito grande, muito, muito mesmo, porque me sinto inútil, né? (usando um volume de voz mais baixa e lenta, continuou) e é complicado isso para mim. Então, a maioria dos homens são machistas, alguns são, eu conheço alguns!

Dos três entrevistados, por conta de sua postura e tom de voz e ou gaguejos, Participante 3 foi o que mais aparentou sofrimento em relação a sua autoimagem.

Diante dos relatos apresentados, verifica-se consonância com a fundamentação teórica de Mendes *et al* (2012), que afirma a autoimagem ser uma avaliação subjetiva daquilo que o sujeito sabe e conhece de si.

4.2.3 Rede de apoio

A rede de apoio familiar, aqui me refiro ao núcleo familiar (esposa, filhos e agregados) e a família extensa (pai, mãe, irmãos etc.), foi um tema que apareceu com muita frequência na entrevista dos três participantes, demonstrando um construto importante, que pode atrapalhar ou colaborar, com o processo de ressignificação dos sujeitos com seus novos lugares.

O participante 1 foi o que mais referiu seus familiares. Sempre os trazia com muita intensidade e empolgação, tanto quando se referia à família extensa, como quando se referia ao seu núcleo familiar, exemplo:

Porém como isso foi tratado claramente com a gente, eu, minha esposa e minha sogra, certo? Digamos assim que não foi assustador, certo? Tipo assim, eu recebo muita ajuda dos meus pais quando eu preciso, certo? E eu recebo muita ajuda da minha sogra quando preciso, sabe? E isso até me dar uma paz de coração, para não me sentir psicologicamente escravizado.

Segundo Wagner *et al* (1999), compreender a nova realidade da família de forma a buscar diferentes possibilidades de saúde de seus membros, é poder garantir e favorecer o bem-estar de todos os membros da família. Aqui no final

desse trecho da fala do Participante 1, embora possamos observar a referência ao medo, também podemos quase sentir paz, quando em um tom de voz tranquilo se refere à liberdade psicológica. Em outra fala:

Aí eu, cara, eu não vou morrer! Sabe? Tipo assim, minha esposa estava lá me ajudando, meus filhos estavam lá me ajudando, então assim a gente vai se ajudar! Porque família mesmo não é um pai que fecundou uma mãe que teve um filho. É uma pessoa que convive com outra, que ajuda a outra, que suporta a outra, que é companheira da outra, então assim, família é muito mais. [...] conversei com meu núcleo, conversei com a minha esposa, conversei com a minha mãe e minha sogra e aí falei, não dá para trabalhar lá! Eu sabendo que eu ia sair, que eu ia perder totalmente minha renda, total, total zero, zero, zero, eu não me desesperei!

Embora nessa fala, ele se refira a suportar no sentido de tolerar, novamente é possível observar a importância da rede de apoio, como também da comunicação intrafamiliar e o sentido atribuído à família. Os subsistemas familiares podem ser vistos como uma reorganização dos membros do sistema geral, onde se desenvolve uma nova forma de intercomunicação. (Wagner *et al*, 1999)

Nas falas de Participante 2, podemos observar uma dissonância no sistema de crenças entre seu núcleo familiar e sua família extensa, pois enquanto seu núcleo familiar, apoiava e olhava para todo o processo de forma lúdica e natural, demonstrando habilidade comunicativa e apoio, exemplo:

Assim, isso é um projeto de vida assim, projeto, é um planejamento de família né, a mudança se deu aí nessa perspectiva [...], eu acho que foi acertado, entendeu? [...] Eu acho muito interessante a forma como a gente divide, a gente brinca, a gente conversa com eles, sobre as responsabilidades. [...] mas tudo é acordado de boas, o projeto é ir, e ir nessa condição de fazer a gestão da casa com uma única fonte de renda, né? [...] aí eu fico dizendo, quando minha esposa tiver o probatório dela, eu posso de repente me integrar a uma ONG [...], com tanto que eu volte para exercitar um pouco a minha intelectualidade, tá entendendo?

Sua família extensa e familiares próximos, não concordam ou apoiam suas posturas ou atividades assumidas, conforme ele expressa na seguinte fala:

Algumas pessoas acham que não é natural, assim essa coisa de, inclusive na família, né? A minha mãe acha que assim, acha um absurdo a mulher ser a provedora, né? [...] ganhar mais do que você, você está há dois anos sem emprego! Quando eu vou para a cozinha algumas pessoas ficam não, não deve ir para a cozinha, é só para festa na cozinha, não é para fazer o almoço todo dia e tal assim, cozinha não é lugar de homem! Tem essa coisa da divisão aí, e sempre colocam os homens como os que às vezes nem sequer tiram os pratos da mesa, né? Um negócio meio complicado!

No final dessa fala, ele reforça que isso de ir para cozinha não é problema para ele, deixando claro que embora às vezes incomode, não é o bastante para que ele mude de atitude e opinião.

Na fala do Participante 3, ficou muito evidente que havia uma confluência em sua relação com a família extensa e seu núcleo familiar. Isso fica bem evidente quando ele, se referindo a sua família extensa, diz:

Porque eu sempre fui, tanto eu era provedor da minha família, como também eu era como se fosse um líder! Um exemplo: era eu quem tomava as decisões da parte da minha família, entendeu?

Em outro momento, se referindo à família extensa e falando sobre o período em que esteve desempregado, disse:

Eu senti que eles se afastaram! Eu tive esse sentimento de afastamento, não tive nenhum apoio, entendeu? Digamos assim, é, apoio psicológico até deles, não teve (expressão de tristeza)!

Quando questionado, você se sentiu cobrado por parte de alguém? responde:

Da minha família, teve! (se referindo ao núcleo familiar) Mas da parte da minha família, teve cobrança deles! (se referindo a família extensa) principalmente da minha mãe, né? Ela cobrava muito, na cabeça dela eu que tinha que ser o provedor, incomodava muito ela e ela me incomodava muito! [...] ela cobrava, - há, tem que começar a trabalhar! Porque não dá certo sua mulher sustentar você [...]. Não tinha meio termo! Não tinha rodeio, né?

Participante 3 fez poucas referências a conflitos com seu núcleo familiar que estivessem vinculados com seu processo de deslocamento do lugar de provedor, diferentemente da sua família extensa, pois além de sentir que não teve apoio psicológico, sentiu muita cobrança para que retornasse ao lugar de provedor financeiro a mais rápido possível, causando o seu afastamento de sua família nuclear.

Segundo Martins (2014) resiliência se refere a forma como a família enfrenta com maior eficácia as adversidades e riscos cotidianos. Assim podemos dizer que a rede de apoio familiar do Participante 1, foi a que se mostrou mais resiliente, pois compreendeu a nova realidade e buscou, em conjunto, novas possibilidades para garantir o bem-estar de todos os membros da família.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciamos esse projeto, não conseguimos imaginar o que aconteceria, muitas eram as angústias, incertezas, ansiedades etc. Elas ficaram ainda mais intensas, tanto por conta da dificuldade de encontrar candidatos, como pelo silêncio de três dos seis sujeitos contactados, que desapareceram após ficarem sabendo do que se tratava a pesquisa.

Outro ponto de tensão, foi quando pensamos como seria a disponibilidade dos participantes, para falar e se expor diante de um assunto que ainda é um tabu social e que mexe tanto com as questões da masculinidade, pois imaginamos que haveria muita resistência, mas, diferente disso, os sujeitos se disponibi-

lizaram para se deslocarem de suas residências e irem até o escritório onde ocorreu as entrevistas, se mostraram desinibidos e abertos para falarem das suas angústias, medos, felicidades, perdas, construções etc.

Ao iniciarmos a análise dos dados e entrar em contato com o campo paradoxalmente árido e fértil que pisamos, o foco foi direcionado para as categorias temáticas que surgiram no decorrer do processo de escuta das entrevistas gravadas, isso se mostrou fundamental, para contribuir com o entendimento de como cada indivíduo experienciou ou está experienciando seu processo, quais os significados, quais os pontos comuns e quais os pontos divergentes, a partir das falas dos sujeitos.

Assim, foi possível observar que os significados foram variados: o inútil, o perdido, o encurralado, o pequeno, o parceiro, o inseguro, o atento, o responsável, o empático, o amoroso etc., como também observar que, no processo de todos, havia pontos positivos e pontos negativos.

Desse modo, obteve-se como respostas à pergunta de partida, que o principal ponto a ser observado nos homens que estão passando pelo processo de deslocamento do lugar de provedor, é a capacidade adaptativa em inter-relação com sua rede de apoio. Lembrando que essa capacidade está diretamente conectada com o conhecimento dos valores e das crenças que estruturam o agir e o pensar no mundo.

A capacidade de comunicar desejos, medos, projetos, perdas, conquistas, inseguranças etc., também se mostrou essencial, pois foi fundamental para contribuir com Participante 1 e Participante 2, que por diversas vezes, referiram manter os familiares informados do que estava acontecendo e disponíveis para ouvi-los para que, juntos, encontrassem a melhor solução. Diferente do Participante 3, que por se sentir envergonhado de seu processo e ter uma comunicação conflituosa com sua rede de apoio familiar, acabou por se isolar.

Outro ponto interessante que vimos nesse processo, se relaciona com questões etárias, pois temos a tendência de pensar que, sujeitos mais novos, são mais propensos a aceitar mudanças sociais e tendem a ter maior capacidade adaptativa às novas configurações, mas o que vimos aqui, foi que, o sujeito que melhor se adaptou e que teve maior consciência do processo que está vivenciando, foi o que tem a idade mais avançada.

Durante essa pesquisa, três sujeitos declinaram da participação quando souberam a temática da pesquisa. Em busca de mais informações juntos aos colaboradores que lhes indicaram, ficamos sabendo que são sujeitos mais conservadores, apegados a lugares engessados da família tradicional patriarcal. Portanto, é possível que uma limitação desse estudo seja que só tivemos acesso às perspectivas de sujeitos mais progressistas.

Apresenta-se como possível campo de investigação futura, tentar compreender como as mulheres estão se relacionando com o processo de deslocamento do homem do lugar de provedor e como elas estão resignificando esse novo lugar de provedora familiar. A qualidade da comunicação intrafamiliar também se mostrou um aspecto importante, pois pode tanto contribuir como dificultar a resignificação do vivido. Consideramos a investigação desses temas relevantes, uma vez que, conhecer sobre eles pode contribuir com o processo adaptativo dos integrantes do sistema familiar.

Entrevistar sujeitos que passaram ou estão passando por esse processo de deslocamento de lugar de provedor, contribui inclusive, para que ressignifiquemos também nossas questões e que tenhamos consciência de que viver e conviver, é um processo que exige constante adaptação que pode durar, pelo menos, toda nossa vida.

REFERÊNCIAS

- BRANCO, P. C. C. Diálogo entre análise de conteúdo e método fenomenológico empírico: percursos históricos e metodológicos. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 20, n. 2, p. 189-197, dez. 2014.
- BRASCO, P. J.; DE ANTONI, C. Violências intrafamiliares experienciadas na infância em homens autores de violência conjugal. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 40, e218119, 2020.
- CASTRO, T. G. **Lógica e técnica na redução fenomenológica**: da filosofia a empiria em psicologia. 2009. 104f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/17228/000711515.pdf>> Acesso em: 03 dez. 2021.
- FARO, L. *et al.* Homem com "H": ideais de masculinidade (re)construídos no marketing farmacêutico. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 40, p. 287-321, jun. 2013.
- FLECK, A. C.; WAGNER, A. A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. **Psicologia em Estudo**, [online], v. 8, n. esp., p. 31-38. mar. 2003.
- GIORGI, A.; SOUSA, D. Método fenomenológico de investigação em psicologia. In: _____; _____. **Método fenomenológico de investigação em psicologia**. Lisboa: Fim de século. 2010. p.73-134. Disponível em: <<https://itgt.com.br/wp-content/uploads/2014/08/aula-4-Giorgi.pdf>> Acesso em: 03 de dezembro de 2021.
- GOMES, A. J. S.; RESENDE, V. R. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 20, n. 2, p. 119-125, ago. 2004.
- MACIEL JUNIOR, P. A. **Tornar-se homem**: o projeto masculino na perspectiva de gênero. 2006. 192 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/15565>>. Acesso em: 08 ago. 2021.
- LEAL, A. F.; KNAUTH, D. R. A relação sexual como uma técnica corporal: representações masculinas dos relacionamentos afetivo-sexuais. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 7, p. 1375-1384, jul. 2006.
- MARTINS, M.H. Resiliência familiar: revisão histórica, conceitos emergentes e principais desafios. **Cadernos do GREI**: Grupo de Estudos Interdisciplinares. Faro, v.10, p. 03-23. 2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/262057973_Resiliencia_Familiar_-_Revisao_Teorica_conceitos_emergentes_e_principais_desafios> Acesso em: 20 ago. 2021.
- MENDES, A. R. *et al.* Autoimagem, autoestima e autoconceito: contribuições pessoais e profissionais na docência. In: ANPED SUL: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 09., 2012. Caxias do Sul. **Anais...** [online]: 2012. p. 01-13. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/724/374>>. Acesso em: 15 ago. 2021
- NASCIMENTO, M. R; COSTA, D. B. S. **O uso do ciclo de contato como instrumento para a compreensão de um modo de ser**. 2018. Trabalho de conclusão de curso (Pós graduação *Lato Sensu* em Abordagem Gestáltica) - Pontifícia Universidade Católica-GO, Goiânia, 2018. Disponível em: <https://itgt.com.br/wpcontent/uploads/2020/04/TCC_Maevy-Rocha-Nascimento_Gr.28.pdf> Acesso em: 15 de maio de 2021.
- PENTEADO, F. M.; GATTI, J. **Masculinidades**: teoria, crítica e artes. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.
- BRASIL. Ministério da Saúde Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 13 jun. 2013.
- _____. Resolução nº 510/16, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 24 maio. 2016.
- SILVA, S. G. A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 26, n. 1, p. 118- 131, 2006.

WAGNER, A. et al. Compartilhar tarefas? papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. **Psic. Teor. Pesq.**, Brasília, v. 21, n. 2, p. 181-186, ago. 2005.

_____. Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes. **Psicologia Reflexão e Crítica**, [online], v. 12, n. 1, p. 147-156. 1999.

WELZER-LANG, D. Construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, [online], v. 9, n. 2, p. 460-482. 2001.